

**ACTAS DEL XIII  
CONGRESO INTERNACIONAL  
ASOCIACIÓN HISPÁNICA DE  
LITERATURA MEDIEVAL**

(Valladolid, 15 a 19 de septiembre de 2009)

**IN MEMORIAM  
ALAN DEYERMOND**

**II**

Editadas por  
José Manuel Fradejas Rueda  
Déborah Dietrick Smithbauer  
Demetrio Martín Sanz  
M<sup>a</sup> Jesús Díez Garretas



VALLADOLID  
2010

© Asociación Hispánica de Literatura Medieval, 2010

© Los autores, 2010

*Reservados los todos derechos. Prohibida la reproducción parcial o total por cualquier medio, salvo para citas, sin permiso escrito de los propietarios del copyright*

Publicado por el Ayuntamiento de Valladolid y la Universidad de Valladolid

Ni el Ayuntamiento de Valladolid, ni la Universidad de Valladolid (UVa) ni la Asociación Hispánica de Literatura Medieval (AHLM) ni los editores son responsables de la permanencia, pertinencia o precisión de las URL externas o de terceras personas que se mencionan en esta publicación, ni garantizan que el contenido de tales sitios web es, o será, preciso o pertinente.

Edición realizada dentro del proyecto de investigación VA46A09 financiado por la Junta de Castilla y León.

Ilustración de la cubierta de María Varela

ISBN 978-84-693-8468-8

D.L. VA 951-2010

Impreso en España por  
Valladolid Artes Gráficas

## IMAGENS DE SANTA MARIA NA *GENERAL ESTÓRIA* DE AFONSO X\*

MARIANA LEITE  
*Universidade do Porto*

A *General Estória* de Afonso X é, pelos seus propósitos ousados, dimensões e características redaccionais, um verdadeiro repositório do pensamento do rei sábio, da concepção afonsina do mundo e do homem perante a história<sup>1</sup>. Sob o desígnio de uma história universal desenham-se as linhas que marcaram os vários projectos afonsinos, desde a legislação às ciências, da história à lírica. Esta última em particular é profundamente marcada pela devoção a Santa Maria, tal como testemunham as mais de quatrocentas

---

\* Bolseira de Doutoramento da Fundação para a Ciência e Tecnologia. Doutoranda em Literatura Medieval pela Faculdade de Letras – Universidade do Porto.

<sup>1</sup> À data desta comunicação apenas as duas primeiras partes da *General Estória* se encontram integralmente editadas: *General Estória*. Ed. António Solalinde, Madrid, Centro de Estudios Históricos, 1930 e posteriormente *General Estoria. Primera Parte*. Ed. Pedro Sánchez-Prieto Borja, Madrid, Fundación Jose Antonio de Castro, 2001 e *General estoria. Segunda Parte*. Ed. Antonio Solalinde, Victor Oelschläger, Lloyd A. Kasten, Madrid, Instituto Miguel de Cervantes 1957-1961. Os livros sapienciais do Antigo Testamento, incluídos na terceira parte da *General Estoria*, encontram-se editados em *General Estoria. Tercera Parte*. Ed. Pedro Sanchez-Prieto Borja, Bautista Horcajada Diezma. Madrid, Gredos, 1994. Alguns fólhos do manuscrito CXXV 2/3 da Biblioteca Pública, correspondentes ao final da terceira parte, foram transcritos por Mariana Leite, *Antes da Queda de Jerusalém. Os reis e os seus profetas na 3ª parte da General Estoria*. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Porto, FLUP, 2008. Também da terceira está transcrito o livro de Isaías, em *Edición crítica del “Libro de Isaías” de la Tercera Parte de la General estoria*. Ed. María del Carmen Fernández López. Alcalá de Henares : Servicio de Publicaciones de la Universidad de Alcalá de Henares, 1998. Finalmente, existe a transcrição em formato digital dos testemunhos da *General Estoria* em *Text and concordance of the “General Estoria”*. Ed. Lloyd Kasten, Wilhelmina Jonxis-Henkemans. Madison, The Hispanic Seminary of Medieval Studies, 1993. Note-se contudo que no final do ano de 2009 foi publicada a edição integral da *General Estória* em 10 volumes sob a orientação de Pedro Sánchez-Prieto: Alfonso X, *General Estória*. Madrid, Biblioteca Castro, Fundación José Antonio de Castro, 2009.

*Cantigas de Santa Maria*<sup>2</sup>, onde se exorta, pelo relato de milagres ou por cantigas de louvor, ao culto à Mãe de Cristo. A *General Estória*, enquanto projecto transversal que reflecte com mais ou menos fulgor toda a obra de Afonso X, não é naturalmente alheia a esta devoção mariana tão bem evidenciada.

Com efeito, e ainda que a redacção da *General Estória* apenas tenha chegado à vida dos pais de Maria, não havendo por isso lugar para mais do que referências prolépticas à Virgem, é bastante assinalável a ocorrência de passagens que, com maior ou menor intensidade, versam sobre a Mãe de Cristo<sup>3</sup>. Ainda que algumas dessas referências surjam enquanto alusões cronológicas onde Maria, mãe de Cristo, aparece de forma quase dispensável a marcar a transição para a sexta idade do mundo, uma parte significativa das ocorrências implica uma construção ideológica forte em torno da figura de Maria.

Se inicialmente o *corpus* de que se dispõe parece relativamente modesto, composto sobretudo por referências breves e aparentemente incongruentes e inconstantes, uma leitura mais aprofundada permite constatar que os elementos se repartem por três funções distintas.

A já referida função cronológica – isto é, quando o nome de Maria, invariavelmente associado ao de Cristo, surge como termo de um período de tempo – normalmente ocorre em recapitulações das cronologias, podendo surgir tanto em passagens relativas a história bíblica como à história pagã. Dificilmente se consegue estabelecer algum critério subjacente à referência a Maria que não seja mais do que, pontualmente, lembrar a concepção de Cristo no seio da Virgem eleita, da Nova Eva, como marco para a Idade da Salvação<sup>4</sup>.

---

<sup>2</sup> Afonso X, *Cantigas de Santa Maria*. Ed. Walter Mettmann. Coimbra, Universidade de Coimbra, 1979

<sup>3</sup> Para o presente trabalho, apenas foram consideradas as duas primeiras partes integralmente editadas, prevendo-se a necessidade de dar continuidade à investigação assim que a *General Estoria* esteja completamente acessível.

<sup>4</sup> Não sendo objecto desta investigação, assinalam-se as ocorrências de passagens com referências puramente cronológicas: “Ca es de saber que ate que él nacesse de santa María e tomasse muerte segund la carne que d’ella tomo por salvar el linage de los omnes e resucitasse [...] ninguno por bien que fiziesse non iva estonces a paraíso [...] mas todos descendién a infierno, malos e buenos [...]”, *General Estoria. Primera Parte*. Ed. Pedro Sánchez-Prieto Borja, Madrid, Fundacion Jose Antonio de Castro, 2001, tomo II, p. 425. “E diz que por derecho e por razón fizieron estonces los de Israel XLII posadas en su camino de cuando salieron de Egipto de Ramesse, que fue la primera posada fasta’l Jordán ó acabaron la postrimera, e assí quiso Nuestro Señor Dios que fuesse porque se mostrasse por aquella cuenta que por tantos grados de vertudes sube el justo al cielo por cuantas generaciones decendió Cristo en Santa María de Abraham fasta

Bastante mais significativa é a função linhagística. Surgindo sobretudo no início da primeira parte, Maria é tratada sob o ponto de vista historiográfico, uma vez que se relata a história da sua ascendência. Procura-se por isso sublinhar Maria enquanto última e mais perfeita descendente da linhagem santa.

Finalmente, Maria surge enquanto chave para a leitura do Antigo Testamento, sendo a sua função sobretudo exegética. Seguindo-se interpretações cristãs do texto bíblico provindas de diversas autoridades, explicam-se elementos e práticas veterotestamentárias à luz da vida e características de Maria, reforçando a leitura cristológica e mariológica do Antigo Testamento.

Por último, não pode ser ignorada uma narrativa, essa sim de ostensivo cariz mariano, que não cabe completamente em nenhum dos tipos acima apontados, situando-se a meio termo entre a função exegética e uma função profética. Trata-se da história da sibila troiana Cassandra que, no final da terceira parte, prevê o nascimento do Filho de Deus, de Quem deseja ser mãe. Vangloriando-se das suas virtudes, descreve indirectamente Maria. Finalmente, Cassandra descobre que será a jovem descendente da alta linhagem judia a Mãe de Jesus, procurando retractar-se da sua soberba.

A primeira referência a Santa Maria surge no início da primeira parte da *General Estória*, aquando da apresentação de Set e anúncio da sua linhagem. Set havia sido concedido a Adão após Abel ter sido assassinado, e conserva as características positivas do irmão. Santa Maria é referida aquando da justificação para a apresentação da história de Set e sua descendência, já que foi desta linhagem de grande piedade que nasceu a Virgem:

[...] ovo Adam empós esto fijos e fijas muchos a demás, e que fue ell uno entre ellos este Set, e que d'este digamos que fue bueno e derecho en todos sus fechos como Abel su hermano en cuyo logar le dio Dios a su padre. Ca diz que de outra guisa muy luenga cosa serié de contar de todos los otros fijos que Adam fiziera en Eva empós aquello, e que es guisado e razón de dezir de Set sólo e de las sus generaciones porque en él seño e desí los que d'él vinieron fasta Santa María como contaremos adelante fincó la liña de Adam e d'él.<sup>5</sup>

Finalmente, é esta passagem que introduz a história do nascimento da astrologia, ciência inaugurada pelos antepassados de Maria<sup>6</sup>.

No mesmo sentido se inclina a referência seguinte, que visa repetir a filiação de Maria na linhagem mais santa de Adão. Perante a dispersão dos cultos religiosos<sup>7</sup>, assinala-se que:

---

ella, ca tantas generaciones ovo de Abraham fasta Cristo, e fueron cuarenta e dos. [...] pues que Cristo quiso venir por él e vino del primero patriarca a la Virgen [...]". *Ibidem*, pp. 624-625.

<sup>5</sup> *General Estória*, I Parte, ed. Sánchez-Prieto Borja (2001), Tomo I, p. 34.

<sup>6</sup> *Ibidem*, pp. 37-38

[...] la Santa Escritura que luego de Adam, que fue el primero comienço de todos, cató siempre en los omnes una liña que tovo en personas çoñoçudas e contadas. Ca estos de la liña apartó siempre de todos los otros omnes. E com éstos vino toda vía la Santa Escritura e los omnes buenos e los santos padres que la compusieron e la escribieron e aduxeron esta liña apartada e escojecha de todos los otros omnes fasta'l comienço de la sexta edat pora aver ende sin toda señal de pecado a Santa María Virgen dond naciesse Cristo que salvasse el mundo, como lo fizo, e estos de la liña de Adam fasta esta Santa María e Cristo de luego e toda vía ovieron buenas costumbres e buena creencia, e creyeron en Dios sanamientre. Ca por ventura d'outra guisa non quisiera Dios que Santa María d'ellos viniessse, nin que el su fijo, salvador del mundo, tomasse ende carne.<sup>8</sup>

A linhagem santa é, por isso, escolhida desde o início, preservando sempre a fidelidade a Deus, permitindo com isso que dela nasça a Mãe de Cristo.

A terceira referência a Santa Maria é também ela de carácter linhagístico. Apresenta-se Jano, suposto filho de Noé, e os fundadores de Roma. Sublinha-se que de entre todos os homens só a linha genealógica de Adão a Abraão, passando por Noé, permanece fiel a Deus. Ainda que se recorde, e acentue com a alusão a Santa Maria, a dignidade da linhagem santa, ressalva-se que de entre estes também houve os que erraram:

E de Noé e aun de Adam fasta Abraham todos los omnes fueron gentiles [...] e todos oraron a las creaturas, e creyeron en ellas e fizieron les sus sacrificios [...] salvo ende los padres e los reyes e los otros omnes buenos que vinieron por la liña de Adam e de Noé a Abraham, e dend a Santa María e a Jseucristo, que creyeron bien todos los más e cataron por Nuestro Señor Dios, pero que ovo ý algunos errados mucho.<sup>9</sup>

Se é verdade que estas três referências de carácter linhagístico são também as três primeiras que se encontram na *General Estória*, é também notório que apenas muito mais tarde, e com muito menor projecção, se alude a Maria enquanto fruto de uma descendência eleita. Tal ocorre já na segunda parte, quando se conta a história de Raab que, de acordo com Pedro Comestor, será a futura esposa de Salomão. Desta mulher, aclamada pelo povo judeu como rainha, diz-se imediatamente ser uma das antepassadas de Maria, o que provoca um interessante efeito de valorização mútua de ambas as figuras femininas: se é certo que estar na origem de Maria confere maior importância a Raab, não será menor a dignidade que esta confere à linhagem de Maria, cuja pureza e santidade provém também de uma hereditariedade marcada pelo sagrado e pela piedade:

---

<sup>7</sup> “Primeramente los omnes non creyén en Dios nin tenién creencia ninguna, nin oravan a él nin a outra cosa, nin avién mugieres apartadas, nin catavan en aver fijos çoñoçudos nin casavan”. *Ibidem*, p. 109.

<sup>8</sup> *Ibidem*, pp. 109-110.

<sup>9</sup> *Ibidem*, p. 130.

Despues que esto fue fecho cuenta la estoria de la Biblia que se membro de Raab Josue [...] et cuenta otrossi [maestre Pedro] como despues desto a tiempo que la tomo por mugier Salamon, que fue uno de los padres de la linna de sancta Maria, segunt aures adelant o fablaremos desta estoria en el libro de los Juyzes; et esta es aquella Raab dont vino sancta Maria, madre de nuestro senor Jhesu Cristo<sup>10</sup>

Finalmente, naquela que é a última referência a Maria da segunda parte *General Estoria*, Maria implica tanto uma funcionalidade linhagística como cronológica. Com efeito, no final do Livro dos Juízes, recapitula-se retrospectivamente os antepassados de David, do qual se antecipa a linhagem da qual Santa Maria e Jesus nascerão, sublinhando-se mais uma vez a pureza da linhagem – “por linna derecha” – e física de Maria – “madre e siempre virgen”:

E este Obech fue padre de Ysay, padre del Rey Daud. [...] e Ysay a Daud, que fue el primero rey de Yrrael e que dexo el Reynado a sus fijos, que les duro por veynte e vna generacion que se fizo luengo tiempo, de quien vino por linna derecha Santa Maria, madre e siempre virgen, de la que nascio e encarno nuestro Sennor Jhesu Christo, que es Dios e omne.<sup>11</sup>

Abstenho-me agora de elaborar uma análise detalhada de cada uma das passagens, as quais, sem dúvida, permitirão o desenvolvimento de outros trabalhos. No entanto, cabe referir, globalmente, os aspectos mais importantes que sobressaem dos excertos apresentados.

Conforme se torna explícito na história de Raab, Maria e a sua linhagem complementam-se mutuamente, reforçando de forma recíproca as virtudes a cada uma atribuídas. Ao recordar-se o bom fruto, valoriza-se a árvore, necessariamente boa. Nesse sentido, prevê-se que as acções da linhagem serão quase sempre boas: assim, a astronomia – e, certamente, quem a esta se dedica – é autorizada enquanto saber provindo da mais santa linhagem de todas. Do mesmo modo, quando se refere os dissidentes da linhagem – nomeadamente Jano, fundador de Roma – denota-se que a sua falta é menorizada pela grande dignidade da sua origem. Finalmente, antecipa-se a dignidade da descendência de David, com particular relevo para Salomão, esposo de Raab, cujas conhecidas faltas são relativamente saneadas perante a sua origem e, sobretudo, pela sua descendência final: Maria, mãe, esposa e filha de Deus.

As referências à Virgem seguintes distinguem-se das primeiras apresentadas pelo seu carácter exegético. Situam-se no final da 1ª parte, com maior incidência nas passagens que correspondem aos livros doutrinários do Pentateuco – Levítico e Deuterónimo. Santa Maria revela-se uma pós-figuração da lei e rito judaicos, sendo a chave para uma leitura cristã de várias passagens. Torna-se cada vez mais relevante a consulta de fontes exegéticas

<sup>10</sup> *General Estoria*, II Parte, ed. Solalinde, Oeschlager, Kasten (1957), Tomo I, p. 21

<sup>11</sup> *General Estoria*, II Parte, ed. Solalinde, Oeschlager, Kasten (1957), Tomo II, p. 204

medievais, cotejadas para oferecer uma leitura cristianizada, sempre atenta à valorização de Maria.

A primeira passagem deste género ocorre no livro do Êxodo, quando se trata a construção do primeiro altar por Moisés, que utilizou a terra para o edificar. As características do lugar de culto são interpretadas à luz de Cristo seguindo-se para tal Gregório de Nissa. À comparação entre o altar de terra e Deus feito homem, ou seja, tornado terra, nascido da Virgem. Ao recordar que “Sobre la razón d’este altar de tierra ques entiende la encarnación de Cristo, que avié de tomar en figura dell omne su siervo carne de la Virgen Santa María en la natura humana, la cual humana natura es de tierra, como les él mandava fazerle altar de tierra”<sup>12</sup>, reforça-se a ligação biológica profunda entre Jesus e Maria, de cuja matéria – a carne – Deus se serviu para fazer nascer o Seu Filho.

No mesmo sentido se efectua a interpretação seguinte, onde mais uma vez que recorda a natureza humana de Cristo provinda da carne da Virgem. Para a interdição de comer o cordeiro com o leite da sua mãe, recorda-se a interpretação de Flávio Josefo, segundo o qual a interdição prendia-se com os primeiros oito dias de vida do animal. Já a interpretação patrística vê no cordeiro Cristo, que deveria ter sido poupado ao sacrifício que se terá realizado no dia da sua encarnação na Virgem:

E desí mando que ninguno non coxiesse el cordero en la leche de su madre. [...] Los santos padres de la nuestra ley lo esponen d’esta guisa. Dizen que por esso fue dicho que por el cordero verdadero esto que Nuestro Señor Cristo Jesús era, e comoquier que lo fiziessen outro día en el tiempo de adelant, que nol matassen el día que él veno en Santa María por tomar carne d’ella e nacer, nin lo fiziessen otrossí nin dend a los ocho días, e aun entiéndese que nin fasta su tiempo. Mas d’esto dizen que se non guardaron ellos, ca a treinta e dos años e medio que fueron cumplidos, el día mismo quel concebió Santa Maria le prisieron ellos yl pusieron después en la cruz non lo deviendo fazer en aquel tiempo nin en outro.<sup>13</sup>

Ainda na primeira parte da General Estória se encontra uma passagem que sublinha a relação carnal entre Filho e Mãe, e que se relaciona estritamente com o excerto acima indicado. Trata-se da interpretação dos dias da semana e seus significados, nomeadamente do domingo, dia em que Cristo “nació el en carne de santa María su madre e siempre virgen”<sup>14</sup>. Conclui-se que se refere ao

<sup>12</sup> *General Estoria*, I Parte, ed. Sánchez-Prieto Borja (2001), Tomo II, p. 257.

<sup>13</sup> *Ibidem*, p. 286

<sup>14</sup> “Al dia de la planeta del sol, que es primero día de la sedmana, nós los cristianos latinos otrossí por onra e remembrança de Nuestro Señor Dios Jesucristo e de la su elesia porque dizen los escritos de los santos padres e de los otros sabios de la nuestra ley que crió el mundo en aquel día, e que en aquél nació él en carne de santa María su madre e siempre virgen, e en aquél resucitó, e en aquél envió ell Espíritu Santo sobre los apóstolos, e en aquél á de venir a judgar el mundo [...]”. *Ibidem*, pp. 421-422.



nascimento e não à concepção, uma vez que anteriormente se indica que Cristo fora morto no aniversário da sua concepção. Assim, nascimento e ressurreição, ambos no Domingo, encerram o ciclo da vida humana de Jesus. Todavia, é de sublinhar a insistência na origem “en carne de Santa María”, quando se trata não de concepção mas de parto.

Reinterpretam-se ainda as profecias de Balaam à luz de Maria, citando-se Pedro Comestor. Santa Maria é a estrela e verga que de Israel que destruirá todos os males:

[...] empós esto profetó d’esta guisa de los judíos: nascrá estrella de Jacob, e levantar se á verga de Israel. E de parte maestre Pedro sobr’esto que esta estrella e esta verga fue Santa María [...] por que devemos entender en aquella letra tod el linage de los omnes que dicho es por los fijos de Set, e que d’éstos saldrá com que quebrantará e destruirá a todos los malos aquella estrella e aquella verga que saldrá de Israel.<sup>15</sup>

Finalmente, é no sentido da ausência de pecado em Maria que se inclina a passagem seguinte, que se coaduna com a concepção imaculada da Mãe de Jesus de que Afonso X é adepto. Comparando o Faraó ao pecado original, com o qual todos os filhos de Adão estão manchados, assinala-se que apenas Santa Maria está isenta de pecado:

[...] la Biblia muestra en aquel lugar, que Faraón significa el pecado original que troximos de Adam cuantos omnes en este mundo somos e fueron otrossí, e son e serán que de omne nascan, salvo ende la santa madre de Cristo e siempre virgen María.<sup>16</sup>

Foi deliberadamente deixado para último o excerto que maior complexidade revela. Na descrição das tendas para o culto, seguem-se novamente “los santos padres de la nuestra ley”, segundo os quais a última câmara do culto, apenas acedida pelo sacerdote, antecipava já o corpo da Virgem, preservado do contacto humano e apenas acedido de forma incorrupta pelo Filho de Deus:

[...] cosa es com guisa de non entrar allá si non aquell obispo, ca dizen que aquella cámara de las poridades e de las santas cosas que estidieron en ella, e estava apartada en la tienda del testamento, que en significança de Santa María madre e siempre virgen la mandó Nuestro Señor Dios assí apartar. E aquella cámara significava a Santa María, e ell obispo mayor de toda la otra clerizía a Nuestro Señor Jesucristo; pues assí como en la cámara o morada dell alma e del cuerpo de santa María non entró otro ninguno si non el fijo solo de Dios, e una vez, e tomo ý carne en figura de su siervo, e nació Cristo en carne humana e alma de razón, e dexó virgen la virginal cámara e el cuerpo de santa María su madre cual fuera ella el dia que nació, e era estonces e fue después siempre, e tal acabo e fue levada al cielo; onde a esta significança de Cristo e de María su madre e siempre virgen, entrava a aquella cámara ell obispo mayor solo, e nunca otro omne del mundo com él, por que tenemos e dezimos que departieron muy bien todos aquellos que dixieron que ell obispo solo entrava a aquella

<sup>15</sup> *Ibidem*, pp. 789-790.

<sup>16</sup> *Ibidem*, pp. 819-820

cámara e ninguno con él De la tercera cámara que fue apartada pora Nuestro Señor diz que muestra el cielo, e que assí como ninguno non entrava a aquella cámara si non el mayor obispo que assí por ell elemento del cielo non sube ningún omne en carne que solo omne sea e non más, como Cristo, que es Dios e omne, e santa María, su madre, que era muy más que omne solo, e sobr'esso fue allá resucitada luego e glorificada, e tal fue levada por las manos de los ángeles, e subió a la gloria del fijo, ó es oy e será siempre, nin na los omnes natura de entrar nin andar d'aquella guisa por el cielo.

Além de expressar esta interpretação, o redactor assume claramente a concordância com ela, elogiando tal opinião dos autores que sublinham que o sacerdote entrava sozinho na câmara. Esta é sem dúvida a passagem onde mais considerações sobre as características do corpo de Maria são expostas. O léxico em torno do corpo intensifica a ligação carnal do Filho à Mãe, de quem nasce como homem mas, afinal, não a partir de uma mulher comum. Assim, Maria “era muy más que omne solo”. Neste sentido, eleva-se Maria a um estatuto incompatível com a humanidade. Não se trata apenas da maternidade de Cristo que a torna sagrada, é também a própria natureza de Maria, Virgem eleita que gera, pela sua própria carne, o filho de Deus e, tal como Ele, ressuscita e ascende aos céus: “fue allá resucitada luego e glorificada, e tal fue levada por las manos de los ángeles, e subió a la gloria del fijo, ó es oy e será siempre, nin an los omnes natura de entrar nin andar d'aquella guisa por el cielo”. Constata-se assim que os redactores da General Estória sugerem a solução da imaculada concepção para o mistério da assunção<sup>17</sup> de Maria, admitindo-a como uma mulher diferente, em alma e corpo, das outras, e preterindo a hipótese da dormição e posterior assunção, o que fica excluído pela afirmação de que apenas uma natureza diferente da dos outros humanos poderia levar a que Santa Maria ascendesse aos céus.

Por outro lado, ao estabelecer para Maria a mesma sequência atribuída a Cristo – morte – ressurreição – assunção, insinua-se uma equivalência de natureza entre Mãe e Filho. Fruto de uma concepção miraculosa – conforme consta na cantiga 411, muito mais do que “omne solo”, ressuscitada, glorificada e levada aos céus, Maria torna-se protagonista de um percurso paralelo ao do Filho.

Finalmente, a história de Cassandra merece alguma reflexão. Não podendo ocupar nenhuma das categorias acima expostas, é sem dúvida uma narrativa que exalta Maria, revelando mais alguns dados importantes para a sua imagem:

---

<sup>17</sup> Com efeito, o tema da morte e sobretudo da ascensão de Maria era polémico desde os primeiros séculos de cristianismo. Sobre este assunto, é fundamental o artigo de Simon Mimouni, “De l'Ascension du Christ à l'Assomption de la Vierge. *Les Transitus Mariae: Représentations anciennes et médiévales*” in *Marie. Le Culte de la Vierge dans la Société Médiévale*. Ed. Iogna-Prat, Pallazzo, Russo. Paris, Beauchesne, 1996.

Esta sibilla Cassandra fallamos que cuentan las ystorias que *propheto* como *Ihesu Cristo* auie de nascer de muger *virgẽ*. Et pues que ella esto entendio por el *sacro* de *Nostro Sennor Dios*, dixo sobrello entressi: “Si dios carne humana ha de tomar en mugier de linage de reyes *et* uirgen *et* fermosa *et* de buenas costumbres, fija so yo de rey *et* de reyna *et* linda. Ca el rey Priamo de Throya, *que* viene de reyes *et* de reynas, *et* el rey *et* la reyna Euchuba, su muger, otrossi de reyes *et* de reynas, son mjo padre *et* mj madre. Pues *uirgẽ* so *et* donzella *et* grande *et* fermosa *et* rica, ende pues que el fijo de dios carne humana ha de tomar *et* seer omre, cuedaria ya que en mj deuerie uenir *et* nascer de mj.” [...] Et assi como ella ueye todas las otras cosas que dizie por spiritu de dios, assi vio que *Jhesu* auje de nascer de muger uirgen *et* que aurie nombre Maria, *et* serie del linage de los judios. Et aun que auie a seer desposada con judio *et* que aurie mombre Joseph. Et sobresto *fazie* ella siempre muy aspera vida *et* muy sancta, veyendo los bienes de *Cristo* que aujen de uenir. Et predigo ella alli de la fin del mundo *et* de la uenida de *Jhesu Cristo* como ha de uenir a judgar los viuos *et* los muertos. Agora torna la ystoria a fablar en su logar del rey Joachim.<sup>18</sup>

Pela descrição de Cassandra, que deseja ser a mãe de Cristo, chega-se a Maria, a mais pura, alta e digna virgem. É nesta história da 3ª parte que se conjugam as duas linhas principais segundo as quais se regem as referências a Santa Maria. O aspecto linhagístico é evidenciado pela origem de alta estirpe da futura mãe de Jesus, que Cassandra tanto sublinha. Por outro lado, a importância atribuída ao corpo imaculado da Virgem, bem como ao acto de concepção do Filho de Deus a que Cassandra pretende candidatar-se, reúne-se plenamente com o sentido para o qual se encaminham as leituras exegéticas do Antigo Testamento em relação a Santa Maria.

Por último, este pequeno corpus e esta análise ainda insipiente permitem assinalar um elemento fundamental que congrega os dois tipos de referências a Maria: trata-se do corpo da Virgem, corpo representado pelo sangue, ou seja, pela carga genética, ou corpo explicitado aquando da gestação de Jesus, tendo por auge a analogia entre o templo sagrado e o útero de Santa Maria. Finalmente, este corpo, de cuja hereditariedade se fala quando se recorda a sua linhagem ou de cuja natureza se trata quando se interpreta o Antigo Testamento, é um corpo sacrado e sacralizado. A ideologia em torno da concepção de Maria, de acordo com o evangelho apócrifo de Tiago<sup>19</sup>, explicitamente manifestada na cantiga 411<sup>20</sup>, certamente que não era alheia à redacção da *General Estória*. Do mesmo modo, a sua assunção, descrita na cantiga 419, é mais uma vez recordada e amplificada, permitindo uma ainda maior apologia de Santa Maria<sup>21</sup>, que é dada não como adormecida e depois ascendida aos céus mas sim

<sup>18</sup> Mariana Leite, *Ibidem*, pp. 124-125.

<sup>19</sup> Veja-se *Evangelios apocryphes*. Ed. F. Amiot. Paris, Librairie Arthème Fayard, 1952.

<sup>20</sup> *Cantigas de Santa Maria*, pp. 374-379.

<sup>21</sup> *Ibidem*, pp. 396-398.

como efectivamente ressuscitada e posteriormente elevada em corpo ressuscitado e alma aos céus<sup>22</sup>, tal como o Filho.

Do muito que fica por responder nesta primeira abordagem, uma interrogação impõe-se: qual é afinal, para Afonso X, a natureza do corpo de Santa Maria?

---

<sup>22</sup> Não será este o local para uma detida análise das perspectivas que, desde os primórdios do cristianismo, surgiram face à morte de Maria. Remetendo para Simon Mimouni, *ibidem*, assinala-se que a assunção de Maria, elevada aos céus por anjos em corpo e alma, assenta primeiramente sobre o pressuposto de que Maria não chega a morrer antes de ascender. Nesse sentido, Maria seria imortal, posto que esteve adormecida até ser levada para os céus. O que se apresenta neste texto é a defesa de uma equivalência de Maria a Jesus, posto que ela terá efectivamente morrido, ressuscitado e finalmente sido levada aos céus.